

Artistas, à esquerda.

Discretamente e sem militância.

A classe artística teve uma participação discreta nesta eleição. Pelo menos comparada aos últimos anos, quando artistas subiam nos palanques e encabeçavam centenas de manifestos e abaixo-assinados. As adesões significativas foram tardias e a maioria da militância se limitou a gravações de depoimentos de apoios inseridos na propaganda eleitoral. Ontem, ao votarem, os artistas confirmaram uma vocação para centro-esquerda e esquerda, como já havia dito Marília Pêra, que “colóriu”.

O ator Raul Cortez, por exemplo, que viveu um atormentado comunista na peça **Rasga Coração**, de Vianninha, no início dos anos 80, votou em Roberto Freire, logo após o almoço, em Santo Amaro. Estava um pouco nervoso e vestia branco, como normalmente faz antes da estréia de suas peças. Lembrava-se vagamente de seu primeiro voto para presidente, quando cravou Adhemar de Barros. Bastante gripada, a atriz Irene Ravache — que atua no filme **Que Bom Te Ver Viva**, um libelo contra a tortura da mulher durante o regime militar — votou em Covas, no Colégio São Luís. O mesmo local de votação do ator Paulo Goulart, que também optou por Covas, anunciando “uma mudança de mentalidade a partir desta eleição”.

Passeando pela av. Paulista, o roqueiro Dinho, vocalista do Capital Inicial, ou-

tro que votou em Covas, já pensava em Lula no segundo turno. Ele pretende **sam-plear** numa colagem sonora alguns programas políticos para inserir no novo disco da banda. Roger, vocalista e compositor do Ultraje a Rigor, autor de “Inútil”, música usada em protestos contra o governo e que diz “a gente não sabemos escolher presidente”, escolheu Covas. Ao sair do Jockey Club, onde votou, não tinha certeza ainda se o verso de “Inútil”, criado a partir de uma frase de Pelé, tinha envelhecido: “Pelas pesquisas, acho que não foi todo mundo que aprendeu a votar, mas, se não começarmos, não vamos aprender nunca”.

No Jockey, ao lado de Roger, o cantor Peri Ribeiro fazia uma eloquente defesa de Brizola. Boa parte deste entusiasmo vinha do discurso de encerramento do candidato do PDT no último debate da Bandeirantes, “quando ele mostrou seu amor fervoroso ao Brasil, dizendo às pessoas que votassem em quem participava do debate e não nele especificamente”. Compartilhando agora das idéias socialistas de Brizola, o cantor já votou em Jânio para presidente e transferiu seu título do Rio para São Paulo apenas para votar em Antonio Ermírio para governador.

Hebe Camargo, malufista declarada, votou pela manhã numa escola do Mo-

rumbi. Vestida para festa e com um decote insinuante, disse que “não tem coisa de que eu goste mais que votar para presidente”. Na última vez, perdeu com Adhemar de Barros. E fez uma pregação contra a tese do voto útil. “Votar em candidatos que não se acredita para evitar que outros, de quem não se gosta, cheguem no 2º turno, é um absurdo”. Mas a atriz Lala Deheinzeln votou útil de olho no segundo turno e optou por Covas ao invés de Lula. Seu coração, entretanto, sinalizava na verdade para o Partido Verde de Gabeira. Lala votou na FAAP, no Pacaembu.

O ator Antônio Fagundes, que votou em Lula, chegou às 7h50 no colégio Rio Branco, em Higienópolis. Plastificou o título e foi para uma longa fila. Depois, seguiu para Ourinhos, onde sua mulher, Mara, também atriz, votou. “A história da República não foi feita por nós, pois participamos de poucos pleitos”, disse.

“O Brasil está comemorando 100 anos de República, dos quais só um suquinho, dois ou três anos, foram de democracia”, reforçou o ator e diretor teatral Cacá Rosset, que também votou no Rio Branco, por volta do meio-dia. Quem esperava vê-lo como Pai Ubu, ao lado das ubuzetes, decepcionou-se. Ele chegou sozinho, de jeans e tênis, e anulou o voto: “Esta coisa de voto obrigatório é manipulação das elites, e nenhum candidato me atrai”.